



O PERFIL DOS TREINADORES ESPORTIVOS DE ASSOCIAÇÕES ATLÉTICAS ACADÊMICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

THE PROFILE OF SPORTS COACHES OF ACADEMIC ATHLETIC ASSOCIATIONS OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF GOIÁS

EL PERFIL DE LOS ENTRENADORES DEPORTIVOS DE LAS ASOCIACIONES ACADÉMICAS ATLÉTICAS DE LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE GOIÁS

Eugênio Lopes dos Santos Junior


<https://orcid.org/0000-0002-5030-1245> 


<http://lattes.cnpq.br/3570482405108881> 

Serviço Social do Comércio (Goiânia, GO – Brasil)

eeugeniolsj@gmail.com

Maycon Ornelas Almeida


<https://orcid.org/0000-0003-0973-7175> 


<http://lattes.cnpq.br/5046415631731570> 

Universidade Federal de Goiás (Goiânia, GO – Brasil)

maycondragon@gmail.com

Ana Karla Rodrigues Pereira


<https://orcid.org/0000-0003-1280-8202> 


<http://lattes.cnpq.br/2504608625156383> 

Universidade Federal de Goiás (Goiânia, GO – Brasil)

anakarla.ef@gmail.com

Heitor de Andrade Rodrigues

<https://orcid.org/0000-0002-9456-4821> 

<http://lattes.cnpq.br/5052716297920478> 

Universidade Federal de Goiás (Goiânia, GO – Brasil)

heitor@ufg.br

Resumo

O objetivo da pesquisa foi investigar o perfil dos(as) treinadores(as) esportivos das Associações Atlética Acadêmicas (AAA) vinculadas à Universidade Federal de Goiás, em função das características pessoais, formação, atuação profissional e preferências formativas. Para a coleta de dados foi elaborado um questionário envolvendo 38 questões, o qual reuniu respostas de 37 treinadores(as). Os dados foram analisados com base na técnica de estatística descritiva. Os resultados evidenciam a predominância de treinadores homens, jovens, pardos ou brancos. Do total, 54% são formados em Educação Física, 41% são estudantes de Educação Física e 5% possuem formação em outros cursos. A maioria atua com esportes coletivos (89,19%), tem até três anos de experiência com AAA (58,46%) e não tem no trabalho com AAA a principal fonte de renda (86,49%). A formação universitária, os estudos independentes, a vivência profissional e a conversa/trabalho com outros(as) treinadores(as) estão entre as maiores preferências formativas.

Palavras-chave: Treinador Esportivo; Perfil; Formação; Esporte Universitário.

Abstract

The objective of the research was to investigate the profile of the sports coaches of the Academic Athletic Associations (AAA) linked to the Federal University of Goiás, in terms of personal characteristics, training,



professional performance and training preferences. For data collection, a questionnaire was developed involving 38 questions, which gathered responses from 37 coaches. Data were analyzed based on descriptive statistics. The results show the predominance of male coaches, young, brown or white. Of the total, 54% are graduated in Physical Education, 41% are Physical Education students and 5% have training in other courses. Most work with team sports (89.19%), have up to three years of experience with AAA (58.46%) and do not have working with AAA as their main source of income (86.49%). University education, independent studies, professional experience and talking/working with other coaches are among the biggest training preferences.

Keywords: Sports Coach; Profile; Training; College Sport.

Resumen

El objetivo de la investigación fue investigar el perfil de los entrenadores deportivos de las Asociaciones Académicas de Atlético (AAA) vinculadas a la Universidad Federal de Goiás, en términos de características personales, formación, desempeño profesional y preferencias de formación. Para la recolección de datos, se elaboró un cuestionario de 38 preguntas, que recogió las respuestas de 37 entrenadores. Los datos fueron analizados con base en la estadística descriptiva. Los resultados muestran el predominio de entrenadores masculinos, jóvenes, morenos o blancos. Del total, el 54% son licenciados en Educación Física, el 41% son estudiantes de Educación Física y el 5% tienen formación en otros cursos. La mayoría trabaja con deportes colectivos (89,19%), tiene hasta tres años de experiencia con AAA (58,46%) y no tiene el trabajo con AAA como principal fuente de ingresos (86,49%). La educación universitaria, los estudios independientes, la experiencia profesional y hablar/trabajar con otros entrenadores se encuentran entre las mayores preferencias de formación.

Palabras clave: Entrenador Deportivo; Perfil; Capacitación; Deporte Universitario.

INTRODUÇÃO

A temática da formação e atuação do(a) treinador(a) esportivo(a) têm adquirido cada vez mais relevância no campo das investigações científicas, o que tem contribuído para a construção de um acervo teórico capaz de orientar e qualificar o processo formativo desse profissional (GILBERT; TRUDEL, 2004; GRIFFO, et al., 2019). No contexto brasileiro, os estudos cresceram de maneira significativa a partir de 2009 e a maior parte das publicações abordam aspectos do pensamento, comportamento e desenvolvimento da carreira dos(as) treinadores(as) (GALATTI et al., 2016).

No que se refere à formação de treinadores(as) esportivos(as) no Brasil é imprescindível considerar que a atuação desse profissional está sob a jurisdição da Educação Física (BRASIL, 1998), desse modo é exigida a formação em curso superior de Educação Física, nomeadamente a habilitação em bacharelado (MILISTETD et al., 2014; RODRIGUES; PAES; SOUZA NETO, 2016), além da realização do registro no conselho de classe da área, com exceção do futebol (BRASIL, 1993).

Sobre a relevância do curso de Educação Física para a atuação como treinador(a) esportivo(a), há o entendimento de que a formação nos cursos de bacharelado é generalista com foco no esporte, lazer e saúde e que há uma carência de experiências práticas que estejam relacionadas ao campo do treinamento esportivo (MILISTETD et al., 2014). Com base na identificação desta realidade, alguns estudos indicam alternativas para qualificar a formação





inicial, tais como valorizar a prática como componente curricular e as experiências em estágios supervisionados voltadas ao treinamento esportivo (MILISTETD et al., 2015; MILISTETD et al., 2017). Alguns autores destacam ainda a relevância de se incentivar esse tipo de ação formativa no próprio ambiente universitário, nomeadamente a partir das oportunidades geradas pelo esporte universitário (FERREIRA; DRIGO; SALES, 2015).

Na mesma direção dos autores citados anteriormente, entendemos que o esporte universitário constitui um espaço e tempo privilegiado para o desenvolvimento da prática como componente curricular, dos estágios curriculares, dos projetos de extensão e de pesquisa nos cursos Educação Física (BRASIL, 2004; 2018), o que pode potencializar a formação para atuar no campo esportivo, notadamente na função de treinador(a) esportivo(a). A vinculação do esporte às universidades, centros universitários e faculdades brasileiras tem amparo legal e estímulo governamental desde o final do século XIX, o que contribui para a inserção da cultura esportiva no âmbito estudantil (STAREPRAVO et al., 2010; CURADO et al., 2013; CAMARGO; MEZZADRI, 2018). Todavia, a articulação do esporte universitário à formação inicial em Educação Física é ainda incipiente, apesar de haver experiências isoladas em andamento em instituições de ensino superior brasileiras (MILAN et al., 2022).

No estado de Goiás, contexto da presente investigação, é notável o crescimento do esporte universitário por meio das Associações Atléticas Acadêmicas (AAA), que por definição se configuram como entidades esportivas estudantis que se propõe a fomentar a integração entre o conjunto de estudantes, a formação de equipes e a promoção de eventos esportivos (MALAGUTTI; ROJO; STAREPRAVO, 2020). Portanto, além de constituir espaço e tempo privilegiado na formação inicial, o esporte universitário pode representar uma oportunidade de inserção profissional de treinadores(as) esportivos(as) ao campo de trabalho, na medida em que as equipes demandam intervenção profissional especializada, com vistas à melhoria das experiências esportivas e dos resultados em competições (SOUZA; SILVA; SILVA, 2019).

Apesar das potencialidades do esporte universitário, a realidade de trabalho e a formação dos(as) treinadores(as) esportivos(as) atuantes nessa manifestação do esporte são, ainda, superficialmente explorados do ponto de vista da investigação científica. A carência de informações sobre essa realidade de trabalho, bem como dos(as) estudantes e treinadores(as) que ali atuam, limita o desenvolvimento de propostas que articulem os dispositivos da formação inicial às possibilidades formativas do campo de atuação profissional. Diante do





exposto, o objetivo da pesquisa foi investigar o perfil dos(as) treinadores(as) esportivos das Associações Atléticas Acadêmicas vinculadas à Universidade Federal de Goiás, em função das características pessoais, formação, atuação profissional e preferências formativas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Abordagem Metodológica, Contexto da Pesquisa e Participantes

Trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória e descritiva. A opção por essa abordagem metodológica se justifica pelo fato de ser uma primeira aproximação com a realidade dos(as) treinadores(as) universitários(as) de Associações Atléticas Acadêmicas vinculadas à Universidade Federal de Goiás (UFG), bem como pela incipiência do tema como objeto de investigação científica.

O contexto da pesquisa está representado pelas Associações Atléticas Acadêmicas de cursos de graduação vinculados à Universidade Federal de Goiás participantes de diversas competições pelo estado e fora dele. Dentre as competições, o INTER é o evento esportivo mais representativo em virtude da sua magnitude, seja em relação ao número de Associações Atléticas Acadêmicas envolvidas, bem como pelo número de esportes praticados e o contingente de atletas participantes. A edição de 2019, objeto desta investigação, contou com a participação de 41 AAA competindo em 15 modalidades esportivas coletivas e individuais (Atletismo, Basquetebol, Futebol Society, Futevôlei, Futsal, Handebol, Natação, Peteca, Rugby, Sinuca, Tênis de Campo, Tênis de Mesa, Voleibol, Vôlei de Praia e Xadrez).

Para a seleção dos participantes, optou-se pela amostragem não probabilística intencional, a partir de dois critérios: a) ter participado do INTER como treinador(a) de pelo menos uma AAA, na edição de 2019 do evento; b) ter interesse e disponibilidade em participar do estudo. Após a definição dos critérios, recorremos à comissão organizadora do evento que disponibilizou a relação de treinadores(as), o que permitiu o acesso e convite aos participantes que se enquadraram aos critérios. Registra-se que os propósitos da pesquisa foram aprovados junto ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme CAAE XXXX. Além disso, o estudo foi conduzido conforme os preceitos éticos da pesquisa científica (BRASIL, 2016), tendo sido realizado com o consentimento dos participantes.





Técnica e Instrumento de Coleta de Dados

Para coleta de dados optamos pelo questionário elaborado com o auxílio da plataforma Google Formulários, envolvendo 38 questões sobre os seguintes temas: dados pessoais, formação profissional, atuação profissional, preferências formativas. O processo de elaboração foi precedido da construção de uma matriz analítica (quadro 1) (HILL; HILL, 2000), constituída por quatro (04) dimensões englobando os temas investigados. A partir da matriz analítica, 27 questões foram elaboradas por iniciativa dos pesquisadores. Além disso, no que se refere à dimensão Preferências Formativas, optamos pela utilização de 11 questões previamente definidas e validadas por Resende, Mesquita e Romero (2007).

Quadro 1 – Matriz Analítica para Caracterização de Treinadores(as) das AAA da UFG

Dimensões	Categorias	Indicadores	Base teórica
Dados Pessoais	Categorização	-Raça/Etnia -Faixa etária -Gênero	Não se aplica
Formação Profissional	Contextos de aprendizagem	-Formação acadêmica -Projetos de ensino/treinamento do esporte -Projeto de pesquisa sobre o esporte -Estágio obrigatório -Estágio não obrigatório -Experiência como atleta	Milistetd <i>et. al</i> (2015); Trudel; Gilbert (2006)
Atuação Profissional	Na carreira	-Experiência como treinador(a)	Rodrigues; Paes; Souza Neto (2016); Egerland; Nascimento; Both (2009)
	Nas AAA	-Tipo/número de modalidades -Experiência como treinador(a) -Equipe multidisciplinar -Vínculo profissional -Tipo e condições da remuneração -Fontes de renda	
Preferências Formativas	-Situação de aprendizagem	-Experiência como atleta/praticante -Vivência profissional -Formação e desenvolvimento profissional -Troca de experiências com treinadores(as) -Estudos autônomos -Observação de competições	Cortela e colaboradores (2020); Resende, Mesquita e Romero (2007)

Fonte: construção dos autores.

Análise de Dados

Para análise dos dados optamos pela estatística descritiva (SILVESTRE, 2007). A estatística descritiva foi utilizada para analisar, organizar e descrever os dados das questões





objetivas, os quais foram representados sobretudo por meio de quadros, com ênfase para a frequência absoluta e relativa dos dados encontrados.

RESULTADOS

Com a análise dos dados, o perfil dos(as) treinadores(as) foi traçado com base nos seguintes componentes: características pessoais (gênero, cor/raça, idade), formação profissional, atuação profissional e preferências formativas.

Características Pessoais

Em relação às características pessoais (tabela 1), nomeadamente sobre a cor/raça, dos 37 treinadores(as) respondentes, a maioria se autodeclara pardo (15) ou branco (13). Quanto a identificação de gênero, a maioria se identifica como homem cisgênero (25). E, em relação à faixa etária, a maior parte (n=30) está entre os 20 e 29 anos, o que representa 81,8% dos participantes. A média da idade é de 26 anos, tendo o(a) mais jovem 20 anos e o(a) mais experiente 43 anos.

Tabela 1 – Características pessoais dos(as) treinadores(as)

Cor/Raça	Quantidade	Percentual (%)
Pardos	15	40,54
Branco	13	35,14
Pretos	08	21,62
Amarelos	01	2,70
Gênero	Quantidade	Porcentagem (%)
Homem cisgênero	25	67,57
Mulher cisgênero	11	29,73
PNC*	01	2,70
Idade	Quantidade	Porcentagem (%)
20-24	15	40,54
25-29	15	40,54
30-34	05	13,51
40-44	02	5,41

*PNC= preferiu não se classificar.

Fonte: construção dos autores.

No que diz respeito às oportunidades formativas oferecidas nos cursos de Educação Física, a maioria não teve experiências referentes à atuação como treinador(a) esportivo(a) no estágio obrigatório e nunca participou de projetos de pesquisa. Mais da





metade dos sujeitos não participaram de qualquer projeto envolvendo ensino/treinamento do esporte durante a graduação (tabela 2).

Tabela 2 – Formação profissional no contexto da graduação em Educação Física

Contexto	SIM	NÃO	Atividades desenvolvidas
Estágio obrigatório	8,11%	91,89%	- Treinador de Futebol/Futsal - Estágio em colégios
Estágio não obrigatório	51,35%	48,65%	- Treinador (AAA e equipes escolares) - Treinador na iniciação esportiva - Treinador em associações esportivas e ONGs - Integrante de comissão técnica
Projetos de ensino/treinamento	43,24%	56,76%	- Clínicas para treinadores(as) - Monitoria de disciplinas na graduação - Projetos de extensão - Participação em clínicas, cursos e projetos de formação
Projetos de pesquisa	13,51%	86,49%	- Pesquisas em laboratórios da UFG, Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU) e UFSC - Pesquisa sobre handebol e atletismo

Fonte: construção dos autores.

Quanto à participação em processos formativos oferecidos por federações/confederações esportivas, mais da metade dos sujeitos tiveram alguma participação. Em relação à experiência como atleta, a maioria declarou ter praticado pelo menos uma modalidade (tabela 3).

Tabela 3 – Formação profissional em diferentes contextos

Contexto	SIM	NÃO	Atividades desenvolvidas
Formação federações/confederações	59,46%	40,54%	- Cursos de arbitragem - Workshops - Clínicas de formação de treinadores(as)
Experiência como atleta	97,30%	2,70%	- Modalidades coletivas - Modalidades individuais - E-Sports e Cheerleading

Fonte: construção dos autores.

Ao considerarem o grau de importância atribuída às distintas fontes de conhecimentos em suas preferências formativas, os(as) treinadores(as) atribuíram notas de 1 a 5 em uma escala *Likert* (tabela 4). A maior parte das fontes de conhecimento tiveram média superior a 4, o que indica elevado grau de importância. A formação universitária recebeu o





maior grau de importância, seguida de estudos independentes e vivência profissional como treinador(a). O estágio obrigatório foi a única fonte com índice inferior a 3.

Tabela 4 – Preferências Formativas

Importância atribuída	01	02	03	04	05	Média
Formação universitária	(2,70%)	-	(5,41%)	(13,51%)	(78,38%)	4,64
Estudos independentes (autônomos)	-	-	(10,81%)	(27,03%)	(62,16%)	4,51
Vivência profissional como treinador(a)	-	-	(10,81%)	(32,43%)	(57,76%)	4,45
Conversa/trabalho com treinadores(as)	(2,70%)	(2,70%)	-	(35,14%)	(59,46%)	4,45
Experiência como praticante	(2,70%)	(5,41%)	(5,41%)	(27,03%)	(59,46%)	4,35
Observação de competições	(5,41%)	-	(10,81%)	(27,03%)	(56,76%)	4,29
Nível de prática como atleta	(8,11%)	(5,41%)	(10,81%)	(24,32%)	(51,35%)	4,05
Especialização	(10,81%)	-	(16,22%)	(21,62%)	(51,35%)	4,02
Seminários/Workshops/Clínicas	(5,26%)	(5,26%)	(13,16%)	(37,84%)	(39,47%)	4,00
Cursos (Federações/Confederações)	(10,81%)	(2,70%)	(8,11%)	(35,14%)	(43,24%)	3,97
Estágio obrigatório	(18,92%)	(13,51%)	(35,14%)	(18,92%)	(13,51%)	2,94

Fonte: construção dos autores.

Atuação profissional

A respeito da atuação profissional, mais precisamente sobre os tipos de modalidades esportivas, houve uma predominância (89,19%) de atuação com esportes coletivos em relação aos demais tipos. Em relação ao tempo de experiência (tabela 5), identifica-se treinadores(as) em diferentes fases da carreira. A maioria tem até cinco anos de experiência como treinadores(as) e até três anos como treinadores(as) de AAA. Apenas um treinador(a) declarou experiência superior a 10 anos.

Tabela 5 – Tempo de experiência como treinador

Ao longo da carreira			Em AAA		
Tempo de experiência	Quantidade	(%)	Tempo de experiência	Quantidade	(%)
Até 01 ano	6	17,14%	Até 01 ano	6	16,22%
De 01 a 02 anos	1	2,86%	De 01 a 02 anos	4	10,81%
De 02 a 03 anos	7	20,00%	De 02 a 03 anos	12	32,43%
De 03 a 04 anos	3	8,57%	De 03 a 04 anos	8	21,62%
De 04 a 05 anos	10	28,57%	De 04 a 05 anos	4	10,81%
De 05 a 10 anos	7	20,00%	De 05 a 10 anos	3	8,11%
Acima de 10 anos	1	2,86%	Acima de 10 anos	0	-
Total	35	100,00%	Total	37	100,00%

Fonte: construção dos autores.





Sobre o tipo de vínculo de trabalho, 72,97% se caracterizam como trabalhadores(as) autônomos (sem contrato de trabalho), 10,81% caracterizam o vínculo por contrato de tempo determinado, 10,81% por contrato de tempo indeterminado e 5,41% por contrato eventual. Todos declararam receber remuneração, sendo 67,57% uma remuneração variável por temporada e 32,43% uma remuneração fixa. No que se refere à remuneração percebida (tabela 6), aproximadamente 60% dos(as) treinadores(as) recebem entre R\$ 201,00 e R\$ 600,00 para uma carga horária entre 2 a 4 horas semanais.

Tabela 6 - Valores Médios de Remuneração Percebida

Valores médios de remuneração	Quantidade	Porcentagem (%)
Até R\$ 200,00	3	8,11%
Entre R\$ 201,00 e R\$ 400,00	14	37,84%
Entre R\$ 401,00 e R\$ 600,00	5	13,51%
Entre R\$ 601,00 e R\$ 800,00	3	8,11%
Entre R\$ 801,00 e 1 salário mínimo	7	18,92%
De 1 a 2 salários mínimos	3	8,11%
Nenhuma Renda	2	5,41%
Total	37	100,00%

Fonte: construção dos autores.

É importante destacar que 86,49% não possuem a remuneração proveniente do treinamento com as atléticas como renda principal, enquanto 13,51% registram ser a sua renda principal. As outras fontes de remuneração se dividem entre outras ocupações da área da Educação Física, tais como: instrutor em academia, *personal trainer*, professor de escola, estágio remunerado, bolsas (atleta, pesquisa, apoio à permanência universitária), treinador(a) em escolas de esporte e preparação física.

DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam a predominância de treinadores homens, jovens (entre 20 e 30 anos), pardos ou brancos. O número elevado de treinadores e a baixa representatividade de treinadoras corrobora os resultados de pesquisas com treinadores(as) esportivos(as) (FERREIRA et al., 2013; ACOSTA; CARPENTER, 2012) e reforça a compreensão de que o âmbito esportivo é um espaço de afirmação da identidade masculina (GOELLNER, 2005), resultando em um terreno permeado por barreiras que dificultam a inserção e permanência de mulheres em cargos de liderança (FERREIRA et al., 2017). Por sua vez, a presença majoritária de jovens indica a permeabilidade do esporte universitário à inserção profissional (estágios





iniciais da carreira) e sua estreita relação com a formação inicial, na medida em que uma parcela desse contingente é formada por estudantes-treinadores(as). A presença de treinadores(as) jovens também podem ser justificada pelas condições precárias de trabalho e remuneração.

Em relação à cor/raça, de acordo com dados do IBGE (2019) a população brasileira é formada por 46,8% de pardos, 42,7% brancos, 9,4% pretos e 1,1% de amarelos ou indígenas. A porcentagem de treinadores(as) que se autodeclararam pardos (40,54%) e brancos (35,14%) é inferior à média da população brasileira, no entanto há uma proporção superior de treinadores(as) pretos (21,62%) e amarelos (2,7%). É provável que essa proporção de treinadores(as) pretos representem indícios positivos das políticas de cotas raciais para ingresso em instituições públicas federais de ensino superior (BRASIL, 2012), uma vez que um contingente dos(as) treinadores(as) é formado por estudantes-treinadores(as), todavia a generalidade dos dados não nos permitiu maior aprofundamento analítico.

Os resultados sobre a formação profissional revelam um número significativo de treinadores(as) (41%) que são estudantes dos cursos de Educação Física. Esse resultado confirma o potencial do esporte universitário como campo de estágio, de projetos de extensão e da prática como componente curricular. Ao mesmo tempo, representa um alerta sobre as condições em que esses(as) estudantes realizam suas atividades como treinadores(as), pois os resultados sobre a atuação profissional indicam não haver, entre a maioria dos(as) estudantes-treinadores(as), a formalização da relação entre as AAA e os respectivos cursos de graduação, o que implica na ausência de acompanhamento pedagógico. Sobre isso, vale destacar que: “simplesmente colocar os futuros profissionais em campo prático não garante a aquisição das competências necessárias para a intervenção profissional” (MILISTETD et al., 2015, p. 988). A experiência deve estar acompanhada da supervisão e orientação profissional, bem como de estratégias formativas que subsidiem a reflexão-ação dos(as) estudantes-treinadores(as), revisitando as contribuições das ciências e, com isso, qualificando as experiências de ensino e treinamento.

Ainda sobre a formação, surpreendeu o número significativo de estudantes do curso de licenciatura (30%), formação orientada para a atuação no contexto escolar. Aparentemente, a escolha prévia pelo curso de licenciatura não parece restringir ou mesmo direcionar as experiências formativas durante o curso. A socialização antecipatória como atleta esportivo sobrepõe as características do curso no direcionamento da formação, determinando o interesse no campo profissional do esporte, algo que seria mais esperado entre os(as)





estudantes do curso de bacharelado (GOMES; QUEIRÓS; BATISTA, 2014). Outro argumento que pode justificar essa realidade é o número de oportunidades de estágio nos campos de atuação do bacharelado. Estudo anterior com 63 estudantes de licenciatura em Educação Física de uma universidade pública, constatou a predominância de estágios realizados em academias e clubes, especialmente aqueles vinculados ao fitness, área em que as oportunidades de estágio são superiores àqueles encontrada no contexto escolar (BEZERRA et al., 2013).

Sobre as oportunidades formativas relacionadas ao curso de graduação, constatou-se baixa participação em projetos de pesquisa e reduzida oferta de estágios obrigatórios no campo do esporte. Por outro lado, um pouco mais da metade dos(as) treinadores(as) teve experiências no campo esportivo por meio do estágio não obrigatório. Constatou-se, ainda, que praticamente todos(as) os(as) treinadores(as) gozam de experiências como atleta/praticante do esporte e que mais da metade participou de cursos organizados por federações/confederações. Ao confrontarmos esses resultados com as preferências formativas, identifica-se que, a despeito das incongruências nas oportunidades formativas no curso de graduação, os(as) treinadores(as) e estudantes-treinadores(as) atribuem elevada importância à formação universitária, ao mesmo tempo em que atribuem menor importância ao estágio obrigatório.

A avaliação atribuída ao estágio obrigatório é compreensível, na medida em que a grande maioria não teve oportunidade de vivenciar o contexto esportivo. Ainda assim, é possível afirmar que a existência de estágios contextualizados à realidade da atuação profissional dos(as) treinadores(as) terá efeitos profundos na formação (MILISTED et. al, 2015), haja vista o elevado valor atribuído à conversa com treinadores(as) experientes e às vivências profissionais como treinadores(as). Por sua vez, o elevado valor atribuído a formação universitária confronta os resultados dos estudos que indicam pouca valorização do curso de graduação na formação de treinadores(as) (RAMOS et. al, 2011; CUNHA et. al, 2014; RODRIGUES et. al, 2017). O que recomenda análise detalhada das características dos cursos realizados pelos(as) treinadores(as), podendo haver diferenças de avaliação a depender da qualidade dos cursos.

Do ponto de vista da atuação profissional, a maioria atua com esportes coletivos e tem até cinco anos de experiência como treinador(a). Para a maior parte dos(as) treinadores(as) (86,49%) o trabalho nas AAA é apenas mais uma das inúmeras atividades profissionais no campo da Educação Física e não constitui a principal fonte de renda. Acrescenta-se a isso, a





predominância de relações informais de trabalho (sem contrato) ou estágio. A precarização das condições de trabalho foi constatada em estudo anterior com egressos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás. Os autores argumentam haver associação entre precarização das condições de trabalho, insatisfação profissional e desinteresse na carreira (FURTADO; SANTIAGO, 2015). No caso dos(as) treinadores(as) investigados, o fato de apenas um(a) treinador(a) contar com mais de dez anos de experiência profissional na área parece confirmar essa realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados evidenciaram que os(as) treinadores(as) vinculados às AAA da Universidade Federal de Goiás são, em sua maioria, homens, jovens, brancos ou pardos, com experiências como atleta/praticante, em início de carreira ou em processo de formação. Mais da metade é formado(a) em Educação Física, atua sem contrato de trabalho (trabalhador autônomo) e não tem no trabalho como treinador(a) a sua principal fonte de renda, representando, portanto, um complemento a outras atividades profissionais prioritárias. Uma parte significativa dos(as) treinadores(as) são estudantes dos cursos de Educação Física, o que poderia configurar relações de estágio profissional, porém não há indícios da formalização dessa relação formativa entre AAA e o curso de Educação Física. Acrescenta-se, ainda, que os(as) treinadores(as) atribuem elevado valor às oportunidades da formação universitária, aos estudos independentes, experiência profissional como treinador(a) e à conversa e ao trabalho com outros(as) treinadores(as).

Esses achados recomendam o estabelecimento de relação colaborativa entre as AAA, o curso de Educação Física e a Universidade, no sentido de formalizar a atuação nas atléticas como um espaço formativo, por meio do estágio ou outros dispositivos, planejando e desenvolvendo ações organizadas de formação e acompanhamento pedagógico, o que pode trazer benefícios a todos os envolvidos, especialmente aos estudantes em formação e àqueles que desfrutam o treino e as competições esportivas. Além disso, é necessário vislumbrar alternativas à precarização do trabalho dos(as) treinadores(as) formados. A consolidação das competições universitárias e, por conseguinte, a sistematização do treino esportivo exigirá das AAA e da universidade a oferta de melhores condições de contratação e remuneração dos(as) treinadores(as), aspectos fundamentais para o avanço da cultura esportiva universitária e democratização do acesso ao esporte.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, R. Vivian; CARPENTER, Linda Jean. **Women in Intercollegiate Sport**: a longitudinal, national study. Thirty-Five Year Update, 1977-2012. Manuscrito não publicado. West Brookfield: [s.n], 2012. Disponível em: <http://www.acostacarpenter.org/> Acesso em: 06 julho 2022.

BEZERRA, Diogo Van Bavel e colaboradores. Licenciandos em educação física e suas experiências profissionais: opções de estágio. **Arquivos em movimento**, v. 9, n. 2, p. 48-66, 2013.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, n. 3, p 77-101, 2006.

BRASIL. **Lei n. 8650, de 20 de abril de 1993**. Dispõe sobre as relações de trabalho do treinador profissional de futebol. Presidência da República. Brasília, 22 de abril de 1993. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1989_1994/L8650.htm>. Acesso em: 26 junho 2022.

_____. **Lei 9696, de 1 de setembro de 1998**. Dispõe sobre a regulamentação do Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais. Brasília, 1 de setembro de 1998. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9696.htm>. Acesso em: 26 junho 2022.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 7, de 31 de março de 2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física. Brasília, DF, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf> >. Acesso em: 31 agosto 2021.

_____. **Lei n. 12.711 de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm>. Acesso em: 26 junho 2022.

_____. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial República Federativa do Brasil, Brasília, 2016. Disponível em: < <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> >. Acesso em: 17 agosto 2021.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 6, de 18 de dezembro de 2018**. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2018-pdf/104241-rces006-18/file>>. Acesso em: 31 agosto 2021.





CAMARGO, Philipe de Rocha; MEZZADRI, Fernando Marinho. A organização e configuração do esporte universitário no Brasil, **Motrivivência**, v. 30, n. 53, p. 52 - 68, 2018.

CURADO, João Paulo e colaboradores. Impacto ambiental causado por jogos universitários. **Revista ciência do ambiente**, v. 9, n. 2, p. 102-106, 2013.

CORTELA, Caio Correa e colaboradores. Aprendizagem profissional de treinadores de tênis. **Caderno de educação física e esporte**, v. 18, n. 2, p. 1-8, 2020.

CUNHA, Ana Filipa e colaboradores. Fontes de conhecimento percebidas pelos treinadores: estudo com treinadores de andebol da 1ª divisão de seniores masculinos em Portugal. **Movimento**, v. 20, n. 3, p. 917-940, 2014.

EGERLAND, Ema Maria; NASCIMENTO, Juarez Vieira; BOTH, Jorge. As competências profissionais de treinadores esportivos catarinenses. **Motriz**, v.15, n. 4, p. 890-899, 2009.

FERREIRA, Heide Jancer e colaboradores. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, v. 19, n. 3, p. 103-124, 2013.

FERREIRA, Heide Jancer; DRIGO, Alexandre Janotta; SALLES, José Geraldo. A trajetória de ex-treinadoras no esporte universitário. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19, 2015. **Anais...** Vitória, ES: UFES, 2015.

FERREIRA, Patrícia Reyes de Campos e colaboradores. Projeto de extensão de ginástica: um relato de experiência. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, 9, 2018. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp/Sesc Campinas, SP, 2018a.

FERREIRA, Heidi Jancer e colaboradores. Barriers faced by Brazilian female coaches. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 31, n. 2, p. 479-488, 2017.

GALATTI, Larissa Rafaela e colaboradores. Sport coaching as a profession in Brazil: an analysis of the coaching literature in Brazil from 2000-2015. **International sport coaching journal**, v.3, n. 3, p. 316-331, 2016.

GILBERT, Wade; TRUDEL, Pierre. Role of the coach: how model youth team sport coaches frame their roles. **The sport psychologist**, v. 18, p. 21-43, 2004.

GOELLNER, Silvana Vildore. Mulher e esporte no brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v. 8, n. 1. p. 85-100, 2005.

GOMES, Patrícia; QUEIRÓS, Paula; BATISTA; Paula. A socialização antecipatória para a profissão docente: um estudo com estudantes de Educação Física. **Sociologia**, v. 28, p. 167-192, 2014.

GRIFFO, Janelle e colaboradores. A decade of research literature in sport coaching (2005-2015), **International journal of sport science & coaching**, v. 14, n. 2, p. 205-215, 2019.

HILL, Manuela Magalhães; HILL, Andrew. **Investigação por questionário**. Silabo: Lisboa, Portugal, 2000.





IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. IBGE: Brasília, DF, 2019.

MALAGUTTI, João; ROJO, Jeferson; STAREPRAVO, Fernando. O esporte universitário brasileiro: organizações oficiais e associações atléticas acadêmicas. **Research, society and development**, v. 9, p. 1-18, 2020.

MILAN, Fabrício João e colaboradores. Experiences of student coaches in brazilians university teams: a possibility for the coach education process. **Research, society and development**, v. 11, p. 1-15, 2022.

MILISTETD, Michel e colaboradores. Coaching and coach education in Brazil. **International sport coaching journal**, v. 1, p. 165-172, 2014.

MILISTETD, Michel e colaboradores. A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em educação física. **Pensar a prática**, v. 18, p. 982-994, 2015.

MILISTETD, Michel e colaboradores. Formação de treinadores esportivos: orientações para a prática pedagógica nos cursos de bacharelado em educação física. **Revista da educação física**, v. 28, p. 2-14, 2017.

RAMOS, Valmor e colaboradores. A aprendizagem profissional - as representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. **Motriz**, v. 17, n. 2, p. 280-291, 2011.

RESENDE, Rui; MESQUITA, Isabel; ROMERO, Juan Fernández. Caracterização e representação dos treinadores acerca da formação de treinadores de voleibol em Portugal. **Educación Física y Deportes**, v. 12, n. 112, 2007.

RODRIGUES, Heitor de Andrade; PAES, Roberto Rodrigues.; SOUZA NETO, Samuel de Souza. A socialização profissional do treinador esportivo como um processo formativo de aquisição de saberes. **Movimento**, v. 22, n. 2, p. 509-521, 2016.

RODRIGUES, Heitor de Andrade e colaboradores. As fontes de conhecimento dos treinadores de jovens atletas de basquetebol. **Motrivivência**, v. 29, n. 51, p. 100-118, 2017.

SILVESTRE, Antônio Luis. **Análise de dados e estatística descritiva**. Escolar: Portugal, 2007.

SOUZA, Laura; SILVA, Marcelo; SILVA, Junior. Política de esporte universitário em uma instituição pública de ensino superior de Mato Grosso do Sul. **Motrivivência**, v. 31, p. 1-20, 2019.

STAREPRAVO, Fernando Augusto. Esporte universitário brasileiro: uma leitura a partir de suas relações com o Estado. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 31, n. 3, p. 131-148, 2010.





TRUDEL, Pierre; GILBERT, Wade. Coaching and coach education. In: KIRK, David; MACDONALD, Doune; O'SULLIVAN, Mary (Eds.). **The handbook of physical education**. London, England: Sage, 2006.

Dados do primeiro autor:

Email: eeugeniolsj@gmail.com

Endereço: Rua A, 60, Leste Vila Nova, Goiânia, GO, CEP: 74645210, Brasil.

Recebido em: 12/07/2022

Aprovado em: 29/09/2022

Como citar este artigo:

SANTOS JÚNIOR, Eugênio Lopes dos e colaboradores. O perfil dos treinadores esportivos de associações atléticas acadêmicas da Universidade Federal de Goiás. **Corpoconsciência**, v. 27, e.14135, p. 1-16, 2023.

